

Regina Brito
Alexandre Marcelo Bueno

Unidade e diversidade

A LÍNGUA PORTUGUESA
PELO MUNDO



Editora
Mackenzie

Unidade e diversidade

A LÍNGUA PORTUGUESA
PELO MUNDO



46

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORA MACKENZIE

Coordenador: John Sydenstricker-Neto

Conselho Editorial

Alexandre Nabil Ghobril

Ana Alexandra Caldas Osório

Cecília de Carvalho Castro e Silva

Gianpaolo Poggio Smanio

Gildásio Jesus Barbosa dos Reis

José Geraldo Simões Junior

José Luiz de Lima Filho

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Reinaldo Guerreiro

Rosangela Patriota Ramos

Walter Eustáquio Ribeiro

COLEÇÃO CONEXÃO INICIAL

Diretora: Rosangela Patriota Ramos

Regina Brito
Alexandre Marcelo Bueno

Unidade e diversidade

A LÍNGUA PORTUGUESA
PELO MUNDO

© 2023 Regina Brito e Alexandre Marcelo Bueno

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma
sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação editorial: Jéssica Dametta
Preparação de texto: Jéssica Dametta
Revisão: Victória Andrade Rocha
Diagramação e capa: Pedro Videira Pancheri
Projeto gráfico: Ana Claudia de Mauro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B862u Brito, Regina.

Unidade e diversidade : a língua portuguesa pelo mundo. / Regina Brito,
Alexandre Marcelo Bueno. – São Paulo : Editora Mackenzie, 2023.
114 p. : il. ; 23 cm. – (Conexão Inicial; 46).

Inclui índice, referências, bibliografia comentada, glossário.
ISBN 978-65-264-0425-6

1. Língua Portuguesa. 2. Língua Portuguesa – Relações Sociais. 3. Língua
Portuguesa – Cultura. I. Bueno, Alexandre Marcelo. II. Título. III. Série.

CDD 469.824

Bibliotecária Responsável: Jaqueline Bay Inacio Duarte- CRB 8/9509

EDITORA MACKENZIE
Rua da Consolação, 930
Edifício João Calvino, 6º andar
São Paulo – SP – CEP 01302-907
Tel.: (11) 2114-8774
editora@mackenzie.br
www.mackenzie.br/editora

Editora afiliada:



Sumário

Sobre os autores	7
Apresentação	
O que pode uma língua? Unidade e diversidade da língua portuguesa	9
Relações entre língua e sociedade	
Saussure e o caráter social do sistema linguístico	18
Coseriu e a criação da norma linguística	21
Benveniste e as relações estruturais entre língua e sociedade	24
A língua portuguesa e os contextos sociais na CPLP	29
Países de língua oficial portuguesa na África e na Ásia	39
Outras presenças do português na Ásia	50
Língua de cultura e de acolhimento:	
usos sociais da língua portuguesa	51
Língua (d)e cultura: valores, práticas e saberes	52
Língua de acolhimento: entre a urgência da prática e os ritmos do acolhimento humanitário	68
Língua de herança e de diáspora/imigração:	
o português pelo mundo	79
Língua de imigração e língua de diáspora no contexto lusófono	80
Língua de herança	83

Conclusão	
Por uma concepção de lusofonia igualitária e solidária	91
Referências	99
Bibliografia comentada	107
Glossário	109
Índice	111

Sobre os autores

REGINA BRITO fez pós-doutorado na Universidade do Minho (Braga, Portugal) e é doutora e mestre em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Atualmente, é professora adjunto III da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), onde também foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (2017-2022). Desde maio de 2022, é coordenadora da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UPM. Além disso, exerce as seguintes funções: coordenadora do DINTER – Doutorado Interinstitucional e Internacional entre a UPM e a Universidade Nacional de Timor-Leste; coordenadora do Colégio Doutoral Tordesilhas em Linguagens, Sociedades e Culturas (desde 2018); líder do Grupo de Pesquisa (GP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) “Cultura e identidade linguística na lusofonia”; vice-líder do GP “O discurso pedagógico de Paulo Freire: uma leitura”; membro do Museu Virtual da Lusofonia (Portugal); membro da Comissão para a Promoção do Conteúdo em Língua Portuguesa (Câmara Brasileira do Livro); membro titular do Conselho Diretivo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll); membro da Comissão de Políticas Públicas da Associação Brasileira de Linguística (Abralin); pesquisadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; membro do Conselho Diretivo do Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste, do Grupo de Historiografia Linguística do Instituto de Pesquisas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do GT de Historiografia

da Anpoll. Coordenadora de projetos de difusão linguística do português junto à Universidade Nacional de Timor-Leste em 2004, 2012, 2022.

ALEXANDRE MARCELO BUENO possui graduação em Linguística/Português pela Universidade de São Paulo (2002). É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral pela FFLCH-USP, onde também fez seu doutorado (2011). Realizou estágio de doutorado-sanduíche na Université Paris 8 entre os anos de 2009 e 2010. Em 2012, foi professor visitante da Universidade Nacional de Timor-Leste. Fez estágio de pós-doutorado no Centro de Pesquisa Sociosemiótica (CPS) na PUC-SP entre os anos de 2013-2016 (bolsa Fapesp). Atualmente, é professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGL-UPM).

Apresentação

O que pode uma língua? Unidade e diversidade da língua portuguesa

A língua foi, por muito tempo, considerada o principal elemento para a constituição das nações e para a delimitação entre nações. Essa função da língua serve para criar um sentido de homogeneidade de uma nação e, naturalmente, para veicular os valores internamente aceitos e reproduzidos. Essa seria uma das funções da língua nacional, ou seja, a de criar os limites de uma identidade coletiva, que se contrapõe a outras identidades exteriores a ela. Segundo Haugen (2000, p. 113-114),

[...] as línguas nacionais têm oferecido o acesso ao título de membro de uma nação, uma identidade que dá à pessoa o ingresso num tipo novo de grupo, que não é apenas parentesco, governo ou religião, mas uma mistura inédita e peculiarmente moderna dos três.

Devemos, contudo, recordar que qualquer sociedade não é formada de maneira homogênea. O mais comum é que ela tenha diversos grupos ou classes: sociais, intelectuais, regionais etc. Internamente, a norma linguística é um dos elementos constitutivos dos processos de distinção de um grupo social em relação a outros grupos. Nesse caso, a utilização de determinada variedade é um dos principais elementos para a construção da identidade do indivíduo e, conseqüentemente, de sua percepção da

alteridade. Esse uso insere o falante em um dado grupo social, ou, ao menos, faz com que pareça que ele pertence a esse grupo, ao mesmo tempo que forma a sua identidade e demarca-a em relação a indivíduos pertencentes a outros grupos sociais.

Conforme aponta Brito (2015), tendo em conta o plano geopolítico-econômico, o português é língua administrativa e de trabalho de 27 organizações internacionais e língua oficial em seis (dos 17) blocos econômicos regionais:

- Mercado Comum do Sul – Mercosul (Brasil)
- União Europeia – UE (Portugal)
- Associação de Nações do Sudeste Asiático – Asean (Timor-Leste)
- Comunidade da África Meridional para o Desenvolvimento – SADC (Angola e Moçambique)
- Comunidade Econômica dos Estados da África Central – CEEAC (Angola e São Tomé e Príncipe)
- Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental – CEDEAO (Cabo Verde e Guiné-Bissau)

Como registrado no *Novo Atlas da Língua Portuguesa* (2016), o português é uma das cinco línguas mais faladas no mundo e está também entre as cinco mais usadas na internet; além de ser a terceira língua indo-europeia mais falada (depois do espanhol e do inglês) e de ser a mais falada no hemisfério sul. Dados do *Internet World Stats*¹ apontam que o português é o 4º idioma mais utilizado no Twitter, o 5º em usuários na internet e o 3º no Facebook. Esse panorama, que situa o português em várias instâncias (dos números do quadro sociogeográfico até dados do contexto “geociber”), possibilita a compreensão de suas muitas rotas de “internacionalização”, externas e internas.

1 Internet World Stats: usage and population statistics. Disponível em: <https://www.internetworldstats.com/languages.htm>. Acesso: 15 mar. 2021.

Dessa forma, olhar para o espaço de oficialidade do português permite caracterizá-lo não apenas pela sua expressiva extensão territorial e pelas relações com outras nações não lusófonas (o que, certamente, exige políticas de internacionalização externas), mas também por realidades distintas, frequentemente assinaladas pela dimensão, pela condição socioeconômica, pela conjuntura política, pelo índice de desenvolvimento humano, entre outros aspectos, o que torna o português uma língua internacional “no interior de nossas fronteiras” (CASTRO, 2010, p. 67). Nesse caso, o português, como língua do ensino, dos meios de comunicação e da administração pública, funciona como veicular entre indivíduos de línguas maternas várias.

Enfim, essa comunidade vive e utiliza, singularmente, uma língua oficial comum, especificamente adjetivada em cada um dos seus múltiplos contextos, validando uma lusofonia dos que *também* falam português (BRITO; MARTINS, 2004; BRITO, 2015, 2017) e constituindo o *português pluricêntrico, pluriforme e transnacional*. Essa ideia de lusofonia adjetivada (termo proposto por Brito, 2017) coaduna-se com o conceito de português como língua pluricêntrica no contexto do século XXI, em que outras normas do português (além da europeia e da brasileira) emergem e se legitimam.

Para além dos dados estatísticos e da dimensão política da língua, propomos um caminho paralelo, na medida em que podemos pensar, junto com artistas da língua portuguesa, a relação que mantemos, individual e coletivamente, com o idioma que nos é comum.

Caetano Veloso enaltece a língua portuguesa nos versos cantados da famosa composição “Língua”. No entanto, não se trata de uma louvação convencional sobre a grandeza da língua, os feitos de seus escritores ou a herança cultural portuguesa. Pelo contrário, uma das características que Caetano Veloso destaca é o fato de a língua portuguesa ser de todos. No começo da canção, o poeta canta “Minha pátria é minha língua”, em uma relação intertextual com os versos do poeta Fernando Pessoa. Na parte final da letra, ele enuncia “A língua é minha pátria/E eu não tenho pátria,

tenho mátria/E quero fratria”. Partindo do primeiro verso emprestado de Fernando Pessoa, Caetano propõe uma nova visão sobre a função social da língua portuguesa.

De nação do poeta, como em Fernando Pessoa, o cantor baiano clama por uma língua que deixe de ser pátria para ser, em seu lugar, mátria, ou seja, uma língua-mãe, uma língua que abraça a todos. E, por fim, expressa sua vontade de uma “frátria”, de uma fraternidade futura de falantes da língua portuguesa, em que todos estejam em pé de igualdade, sem discriminações ou hierarquizações baseadas no que seria certo ou errado em termos de língua – “Uma língua não tem outro sujeito senão aqueles que a falam, nela se falando. Ninguém é seu proprietário...”, diria Eduardo Lourenço (2001, p. 123). Caetano Veloso mostra, assim, um caminho futuro por onde a língua pode vicejar: a fraternidade entre países e falantes da língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Por seu turno, em outro registro igualmente poético, José Eduardo Agualusa (2019), escritor angolano (de raízes portuguesa e brasileira), faz a seguinte reflexão a respeito da língua portuguesa:

A língua portuguesa é uma construção conjunta de todos aqueles que a falam – e é assim desde há séculos. A minha língua – aquela de que me sirvo para escrever – não se restringe às fronteiras de Angola, de Portugal ou do Brasil. A minha língua é a soma de todas as suas variantes. É plural e democrática. A sua imensa riqueza está nessa diversidade e na capacidade de se afeiçoar a geografias diversas, na forma como vem namorando outros idiomas, recolhendo deles palavras e emoções. Aprisionar a língua portuguesa às fronteiras de Portugal (ou de Angola ou do Brasil) seria mutilá-la, roubar-lhe memória e destino.

Nesse excerto, o escritor afirma que a língua portuguesa é uma “construção conjunta de todos aqueles que a falam”, ou seja, dos falantes, que, no seu conjunto, constituem uma totalidade, tendo em vista as diversas

realidades que têm a língua portuguesa como uma (mas não a única) de suas línguas utilizadas nas interações cotidianas. Contudo, naturalmente, a língua portuguesa não é utilizada da mesma forma em todas as sociedades que compõem o chamado espaço da lusofonia, posto que partilhamos diversos elementos comuns e recriamos outros tantos. A língua, prossegue Agualusa, tem sua riqueza “na diversidade” de espaços que ocupa em diferentes pontos geográficos do planeta.

Refletir sobre a diversidade social dos países lusófonos pode nos ajudar a pensar em modos de ensinar a língua portuguesa em diferentes situações. Obviamente, as modalidades que se aplicam ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua são várias, dependendo do contexto, de diretrizes das políticas educacionais e linguísticas, das necessidades dos usuários, dos interesses da comunidade, entre outras condicionantes. Assim, da perspectiva da didática das línguas, podemos verificar esse processo em dois grandes blocos: o primeiro deles, o Português Língua Materna (PLM), e o segundo, o Português Língua Não Materna (PLN), conforme mostra a Figura 1²:

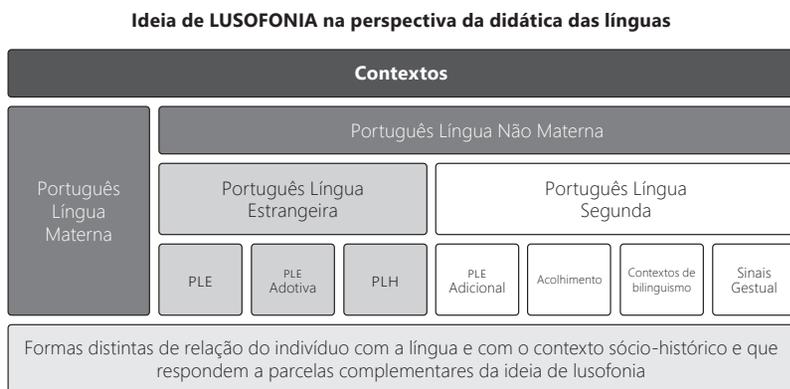


Figura 1 – Lusofonia: perspectiva da didática das línguas

2 Quadro elaborado por Regina Brito, apresentado na conferência Pluricentrismo: a presença do português no mundo. Museu da Língua Portuguesa, 25 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EfAgD2aZ4js&t=389s>. Acesso em: 16 mar. 2023.

As várias possibilidades de ensino-aprendizagem se organizam a partir desses dois grandes blocos, cabendo ao PLNМ a subdivisão em outros dois importantes segmentos: o Português Língua Estrangeira (PLE) e o Português Língua Segunda (PLS ou PL2). Entram nesse escopo do PLE: o PLE propriamente dito, o Português Língua Adicional (PLA), o Português Língua Adotiva (PLAd) e o Português Língua de Herança (PLH). Já no âmbito do PLS, temos o bilinguismo (ou multilinguismo), o Português Língua de Acolhimento (PLAc) e as Línguas de Sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Língua Gestual Portuguesa (LGP), a Língua Angolana de Sinais (LAS), a Língua Moçambicana de Sinais (LMS) e a Língua Gestual Santomense (LGS).

Apesar de todas as possibilidades de abordagem mostradas no parágrafo anterior, vamos restringir este trabalho a alguns caminhos que consideramos mais atuais para compreender as diferentes funções e papéis exercidos pela língua portuguesa na atualidade. Assim, o nosso objetivo, nesta obra, é apresentar diferentes facetas da língua portuguesa, às vezes pouco tratadas nos cursos de Letras, por meio de uma discussão teórica, de um lado, e por meio da apresentação de questões particulares, referentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), de outro.

O primeiro capítulo, intitulado “Relações entre língua e sociedade”, traz, em linhas gerais, as relações entre língua e sociedade, como a língua constrói identidades sociais diversas a partir de suas variedades, assim como cria a ideia de pertencimento a uma dada coletividade. Apresenta um breve panorama dos países de expressão oficial em língua portuguesa da África e da Ásia.

No segundo capítulo, “Língua de cultura e de acolhimento: usos sociais da língua portuguesa”, veremos como se desenvolve a ideia de que o português é uma língua de cultura e, como tal, serve para acolher imigrantes e refugiados que chegam ao Brasil ou a outros países da CPLP. Mostramos também um pouco do processo de reintrodução da língua portuguesa

em Timor-Leste e como a noção de língua de cultura pode contribuir para o desenvolvimento da língua portuguesa no contexto timorense.

Já no terceiro capítulo, “Língua de herança e de diáspora/imigração: o português pelo mundo”, trabalhamos com a ideia de que o português está presente em outras comunidades espalhadas pelo mundo, seja como língua de herança, seja como língua de diáspora/imigração em países centrais (como Estados Unidos, França, Japão, Inglaterra e Alemanha, por exemplo).

Esperamos, assim, que este livro possa, mais do que dar respostas, indicar novos percursos aos alunos para que eles, por meio de suas pesquisas e reflexões, possam responder, de diversas maneiras, às perguntas colocadas por Caetano Veloso: “O que quer? O que pode esta língua?”. O que passaremos a apresentar são, portanto, pontos de partida sobre o que queremos e o que podemos com a língua portuguesa de todos os que dela se valem.

UNIDADE E DIVERSIDADE

A LÍNGUA PORTUGUESA PELO MUNDO

Olhar para o espaço de oficialidade do português, uma das cinco línguas mais faladas no mundo e a mais falada no hemisfério sul, permite caracterizá-lo não apenas pela sua expressiva extensão territorial e pelas relações com outras nações não lusófonas, mas também por realidades distintas, frequentemente assinaladas pela dimensão, pela condição socioeconômica, pela conjuntura política, pelo índice de desenvolvimento humano, entre outros aspectos. Este livro apresenta diferentes facetas da língua portuguesa, às vezes pouco tratadas nos cursos de Letras, e questões particulares referentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), propondo uma reflexão sobre como a diversidade social dos países lusófonos pode auxiliar a pensar em modos de ensino da língua portuguesa em diferentes situações.



Editora
Mackenzie

ISBN 978-65-264-0425-6



9 786526 404256